



## **O Mestre francez (1767) de Francisco Clamopin Durand e as suas fontes**

### **O Mestre francez (1767) by Francisco Clamopin Durand and its sources**

Sónia Coelho<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal

Susana Fontes<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal

Teresa Moura<sup>3</sup>

<sup>3</sup>Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal

#### **RESUMO**

*A gramática O Mestre francez de Francisco Clamopin Durand foi publicada, pela primeira vez, em 1767, e terá contado com onze edições, revelando a importância e a divulgação que esta gramática franco-portuguesa teve na época. Neste sentido, pretendemos dar a conhecer esta gramática e o seu autor, procurando identificar as principais fontes (Auroux 2006) para as ideias linguísticas do gramático no que respeita ao tratamento das partes da oração mais importantes, isto é, do artigo, do nome, do pronome e do verbo, seguindo o modelo de análise proposto por Swiggers (2006) para o estudo da gramaticografia francesa e espanhola.*

**Palavras-chave:** *Historiografia linguística, gramaticografia franco-portuguesa, Francisco Clamopin Durand, Século XVIII.*



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

## ABSTRACT

*The grammar *O Mestre francez* by Francisco Clamopin Durand was published for the first time in 1767. This book was believed to have eleven editions, which reveals the importance and dissemination that this Franco-Portuguese grammar had at the time. Therefore we intend to recall this grammar and its author, trying to identify the main sources of the author's linguistic ideas (Auroux 2006) regarding the treatment of the most important parts of the speech, that are, the article, noun, pronoun and the verb, adopting the model of analysis proposed by Swiggers (2006) for the study of French and Spanish grammars.*

**Keywords:** *Historiography of linguistics, French-Portuguese gramaticography, Francisco Clamopin Durand, 18th century.*

## 1. Introdução

No presente artigo, pretendemos dar a conhecer a gramática *O Mestre francez, ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza. Confirmada com exemplos escolhidos, tirados dos melhores auctores*, de Francisco Clamopin Durand, que foi publicada, pela primeira vez, em 1767<sup>1</sup>, sendo praticamente desconhecida no universo da gramaticografia franco-portuguesa<sup>2</sup>. O nosso objetivo central, no presente texto, é identificar as principais fontes que terão estado na base das conceções linguísticas do autor, particularmente no que diz respeito ao tratamento das seguintes partes da oração: o nome, o pronome, o artigo e o verbo. Conhecer o horizonte de retrospeção (Auroux 2006) do autor é de grande importância, pois o conhecimento não é algo instantâneo, mas é fruto de conhecimentos antecedentes que condicionam as opções do gramático e nos ajudam a perceber melhor as suas ideias linguísticas. Nesta obra em particular, o autor, no próprio

1. No presente artigo, usaremos a décima primeira edição, de 1836, por se tratar de uma edição que contempla correções e acrescentos, como se pode confirmar na página de rosto da obra: “Decima Edição emendada de muitos erros, e acrescentada com Formação das Conjugações dos Verbos Regulares, e da Verdadeira Orthografia Franceza” (Durand 1836: [I]).

2. De entre os estudos no âmbito da gramaticografia franco-portuguesa, destacamos os trabalhos de Salema (1993, 1996, 2000, 2013), Schäfer-Priess (2005) e Moura (2016).

prólogo, assume as suas principais fontes ao mencionar explicitamente algumas das autoridades mais prestigiadas da época, no âmbito da gramaticografia francesa, nomeadamente Pierre La Touche (?–1730), François Séraphin Régnier-Desmarais (1632–1713) e Pierre Restaut (1696–1764). Neste sentido, e como o próprio autor se confessa devedor destes gramáticos, no presente trabalho procuraremos, então, evidenciar em que medida estes autores terão influenciado Durand.

Por outro lado, cremos não dever descurar alguns constituintes importantes que devem ser considerados em estudos gramaticográficos, socorrendo-nos, para tal, do modelo de análise elaborado por Swiggers (2006: 68), no campo da gramaticografia francesa e da metodologia e historiografia do ensino das línguas, que tem em conta o autor e o seu contexto de produção, o público a que se destinava a obra, o objeto e a forma de descrição, componentes fundamentais para a compreensão das gramáticas de língua não materna.

Não nos podemos esquecer de que se trata de uma gramática construída para o ensino do francês como língua estrangeira a um público de língua portuguesa, que se caracteriza por uma orientação eminentemente prática, cujo principal contributo para a historiografia linguística se prende com o seu pendor didático.

## 2. Contexto

Durante o século XVIII, em Portugal, assiste-se a uma valorização das línguas modernas, destacando-se um forte interesse pela língua francesa, que surge associado ao declínio do espanhol já em finais do século XVII. É precisamente neste período, em 1679, que é publicada a primeira gramática de ensino do francês em Portugal, a *Arte da Lingoa Francesa, Para facilmente, & breuemente aprender a leer, escrever e fallar essa lingoa*, de João da Costa (Salema 2000). No século seguinte, continuam a publicar-se obras para que os portugueses pudessem aprender o francês como segunda língua, o que prova a crescente importância que esta língua vinha assumindo. Francisco Clamopin Durand, a abrir o prólogo, chama desde logo a atenção para este facto:

Ninguém ignora, que a língua Franceza he hoje a mais cultivada na Europa, não sò pelas excellentes Obras que nella se tem escrito, mas também pela facilidade, que todos achão de exprimirem com ella as suas idéas. A Nação Portugueza he huma daquellas, que mais se applicão a estuda la [...] (Durand 1836: I).<sup>3</sup>

Como o gramático salienta, era nesta língua que se escreviam obras de grande relevo na época, sendo portanto através do francês que os portugueses de setecentos tinham, na sua generalidade, acesso às artes, à filosofia, às ideias literárias, à moda, enfim, à cultura europeia da época<sup>4</sup>.

Em finais do século XVIII e inícios do século XIX, a revolução francesa e as invasões francesas vieram deteriorar as relações entre Portugal e França, tendo-se verificado nos jornais da época “[...] uma interrupção dos “avisos”<sup>5</sup> relativos ao ensino da língua francesa. Neste contexto de hostilidade para com a França, aprender francês era mal visto” (Babo 2014: 29). Apesar desta aversão à cultura e língua francesas, verificamos que, neste período, a gramática de Clamopin Durand continuou a ser reeditada, contando com cinco edições, quase metade do seu total, o que demonstra a ampla divulgação e importância que a obra teve na época.

### 3. O Autor

Acerca de Francisco Clamopin Durand, como pessoa histórica, pouco se sabe. Ignoram-se as suas datas de nascimento e óbito, bem como a sua naturalidade, embora se acredite que tenha sido um estrangeirado francês. Pelo frontispício da primeira edição da gramática, ficamos a saber que terá sido professor particular de língua francesa, informação corroborada por Inocêncio, que diz desconhecer outras informações sobre o autor: “FRANCISCO CLAMOPIN DURAND,

3. No presente artigo, respeita-se a grafia original de todos os textos citados.

4. A necessidade de aprender francês “[...] était, à l’époque, une aspiration commune aux hommes et aux femmes du monde, puisque le français leur était indispensable tant pour la conversation et la correspondance que pour la lecture et la traduction des ouvrages littéraires français, dont l’influence était grandissante” (Salema 2000: 556).

5. Trata-se de anúncios publicitários.

Professor de lingua franceza na cidade do Porto. Ignoro a sua naturalidade e mais circunstancias, que lhe dizem respeito, por não haver ainda resultado das diligencias que emprehendi” (Silva 1860 II: 365).

Paralelamente à docência, Clamopin Durand ficou também conhecido pela sua atividade enquanto livreiro e impressor. Maria Adelaide Meireles (1995: 38) informa-nos de que estabeleceu uma sociedade com Cláudio Grouteau, designada “Durand, Grouteau & Companhia”, que durou, pelo menos, entre os anos de 1768 e 1773. No momento em que terminou esta sociedade livreira, Clamopin Durand ficou com o ramo dos livros e o seu antigo sócio passou a dedicar-se a outro ramo de comércio.

Consta que, na sua livraria, podiam encontrar-se obras de autores internacionais conceituados como Newton, Bacon, Condillac e Rousseau (Ramos 1979: 23) e ainda livros proibidos, que somente podiam ser vendidos àqueles que tivessem licença para os adquirir (Loureiro 1994: 43).

Entre as diversas atividades que exerceu, destacamos o seu papel enquanto gramático, tendo escrito uma obra dedicada ao estudo da língua francesa, que teve bastante impacto editorial durante mais de meio século. Como o francês ocupava um lugar de destaque na sociedade portuguesa do tempo, apesar de não haver nenhum ensino regularizado de línguas estrangeiras modernas, Durand preocupou-se em apresentar uma gramática que fosse mais correta e clara do que as suas antecessoras, o que fez com que esta tenha gozado de ampla aceitação, como retrata, por exemplo, Inocêncio (Silva 1860 II: 365):

O Mestre francez, ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza, confirmada com exemplos escolhidos e tirados dos melhores auctores. Porto, na Offic de Francisco Mendes Lima 1767. 4.º de XVI442 pag. É a primeira edição d’esto methodo, que durante muitos annos gozou de preeminencia entre as diversas grammaticas que d’aquella lingua possuímos. Repetiramse successivamente as edições, e creio que a ultima é a decima, impressa em Lisboa, na Offic. Rollandiana 1835<sup>6</sup>. 4.º.

6. Como fica claro através das palavras do bibliógrafo, Inocêncio desconhecia a existência da 11ª edição, de 1836.

#### 4. A Obra *O Mestre Francez*

Inserindo-se no campo da gramaticografia das línguas não maternas e distinguindo-se das obras que se enquadram na gramaticografia em língua materna, *O Mestre Francez* é uma obra dedicada ao estudo da língua francesa, cuja metalinguagem usada para descrever e explicar os conteúdos gramaticais é o português.

Em termos metodológicos, o autor preocupa-se em adotar um modelo regular que facilite a aprendizagem: apresentação dos conceitos a serem tratados, breve definição dos mesmos e ilustração das regras através de exemplos. A exemplificação é sempre feita com base num esquema tripartido, em que surge a palavra em português, o seu equivalente francês e a transcrição da respetiva pronúncia. Segue-se um exemplo ilustrativo desta metodologia:

*Do Nome.*

O nome he huma parte da Oração susceptivel de genero, e número, variado em diferentes casos por via do Artigo, ou Particulas, que se lhe antepõem.

O Nome, que exprime as pessoas, e as cousas, chama-se Substantivo; e o nome que não exprime senão a qualidade das pessoas, e das cousas, chama-se Adjectivo.

Hum homem polido.	<i>Un homme poli.</i>	<i>u-nôme pôli.</i>
Huma flor agradável.	<i>Une fleur agréable.</i>	<i>û-ue[sic!] fleur agréable.</i>
Hum amor violento.	<i>Un amour violent.</i>	<i>u-namúr viôlâm</i>

(Durand 1836: 54).

Esta obra, ao longo das várias edições dadas à estampa, sofreu correções e acrescentos, como se pode confirmar, por exemplo, pelos diferentes títulos que assumiu<sup>7</sup>. Se compararmos a estrutura da edição em análise com a da primeira edição, verificamos, desde logo, que são eliminadas algumas partes, nomeadamente a dedicatória, as licenças e a errata.

7. Enquanto que na primeira edição a gramática apresenta o título *O Mestre francez, ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza. Confirmada com exemplos escolhidos, tirados dos melhores auctores*, na décima edição o título é *Mestre francez, ou novo methodo para aprender com perfeição, e ainda sem mestre, a lingua franceza por meio da portugueza, confirmado com exemplos escolhidos, e tirados dos melhores authores*.

Para além dos paratextos que acompanham a gramática, esta é composta por duas partes principais, sendo que na primeira se abordam questões relacionadas com a prosódia e as partes da oração e, na segunda, o autor apresenta um conjunto de diálogos, provérbios, máximas, entre outros, que servem para praticar e melhorar as competências no âmbito da língua francesa, desempenhando também um papel importante na própria transmissão de valores morais e culturais. Por outro lado, o estudante que se serve do manual tem igualmente acesso nesta gramática a um texto paralexiconográfico intitulado *Vocabulario de muitos nomes necessarios para a conversação*, onde pode encontrar palavras acerca da fauna, flora, religião, das relações familiares, de vestuário, entre outros. Esta segunda parte finaliza com um capítulo dedicado a algumas regras gramaticais, que o autor considerou pertinente acrescentar às considerações já tecidas.

Ao longo de toda a obra, o recurso a diferentes autoridades, que são citadas nomeadamente para exemplificação e ilustração de regras gramaticais, evidencia um vasto conhecimento, por parte do autor, da literatura e da produção metagramatical francesas.

Em síntese, uma análise à estrutura da presente obra permite-nos concluir que, contrariando a “[...] sequência ‘clássica’ ortografia→prosódia→etimologia→sintaxe [...]” (Kemmler 2007: 383), Durand não apresenta qualquer parte unicamente dedicada ao estudo da sintaxe, tal como acontece, por exemplo, na obra de Régnier-Desmarais, que “[...] range ses remarques sous alphabet, orthographe et parties du discours” (Chevalier 1996: 63). De facto, esta desvalorização da componente sintática no quadro das gramáticas das línguas não maternas não surpreende, pois esta já era uma característica da gramaticografia das línguas vernáculas.

Com efeito, mais do que uma gramática teórica, a obra de Durand visa ser um texto eminentemente prático e normativo, cuja descrição gramatical simples e eficaz é assumida como uma finalidade desta gramática. O próprio público-alvo da obra justifica esta opção do autor em construir uma gramática didática, uma vez que ela serviria de manual para “[...] instruir na lingua franceza o Illustrissimo Senhor D. Rodrigo de Lancastre [...]” (Durand 1767: [IV]). Provavelmente pela perda da proteção de D. António de Lancastre e pela própria di-

vulgação que a obra atingiu, em edições posteriores, Durand passou a dedicá-la à *estudiosa mocidade portugueza*.

#### *4.1. Aspetos da descrição das partes da oração à luz da gramaticografia francesa*

A descrição das partes da oração tem, na presente gramática, um peso considerável, uma vez que se estende das páginas 47 à 220, ocupando cerca de metade desta obra. Esta era, de resto, uma característica da gramática tradicional das línguas europeias vernáculas bem como das obras dedicadas ao ensino das línguas estrangeiras modernas, que considerava a descrição das partes da oração como o elemento central da descrição linguística. O autor começa por mencionar explicitamente o número e o nome das partes da oração, dedicando ao tratamento de cada uma delas um capítulo próprio.

Na senda da tradição clássica, seguindo a classificação proposta por Donato e Prisciano, Durand considera a divisão em nove partes da oração, contemplando o artigo como classe autónoma. Na verdade, ao longo do século XVII, “[...] l’analyse de l’article comme neuvième partie du discours se généralise. Les grammairiens qui s’écartent de ce modele sont rares” (Fournier 1998: 136). Com efeito, esta divisão proposta por Durand aproxima-se do sistema tradicional apresentado, entre outros autores, por Restaut e La Touche<sup>8</sup>.

No que respeita à ordem do tratamento dado às diferentes partes da oração, tradicionalmente, o artigo não surgia em primeiro lugar, posição que cabia ao nome, contrariamente ao que acontece nas gramáticas francesas de Durand e Luís Caetano de Lima (1671–1757)<sup>9</sup>, ambos seguidores da proposta de La Touche.

A análise do artigo, tendo em conta a própria estrutura apresentada pela maior parte dos gramáticos, passa, num primeiro momento, por

8. Esta classificação distingue-se, por exemplo, da de Régnier-Desmarais por contemplar a interjeição, que este gramático não considera.

9. Trata-se do primeiro gramático português a publicar uma verdadeira gramática da língua francesa em Portugal, com várias edições, numa época em que era muito raro existirem gramáticas do português com mais de uma edição.



fornecer uma definição geral desta classe, seguindo-se a referência ao tipo de artigos existentes. No que respeita às definições gerais dadas pelos gramáticos, há dois grandes tipos, as formais e as semânticas (Joly 1980: 18-19). As primeiras cronologicamente têm lugar até meados do século XVIII e caracterizam-se pelo facto de o artigo se colocar antes do nome para lhe indicar o género, número e caso, de que é exemplo a definição apresentada por Régnier-Desmarais (1707). As segundas baseiam-se na ideia de que o artigo determina a significação do nome, de que já é exemplo a proposta de Wailly (1754).

Durand insere-se no primeiro grupo, apresentando uma definição formal, facto que não surpreende, uma vez que as suas principais fontes se situam em inícios do século XVIII. Assim, se atentarmos na definição dada por Durand (1836: 47), que entende o artigo como “[...] varias particulas declinaveis, que se põem antes dos nomes, os quaes nos fazem conhecer o genero, o numero, e os casos”<sup>10</sup>, verificamos que se aproxima da proposta já apresentada por Régnier-Desmarais (1707: 137): “On appelle communément *Articles*, en termes de Grammaire, des particules déclinales, qui précèdent tousjours le nom auquel eles se joignent, servent à en faire connoître le genre & le nombre, & qui en déterminent certains cas, par le moyen de quelques autres particules”.

Também Restaut, no *Abrégé*, segue uma definição formal muito semelhante, ao considerar que os artigos são “[...] petits mots qui se mettent avant les noms, & qui en font ordinairement connoître le genre, le nombre, & le cas” (Restaut 1764: 13). Note-se, no entanto, que nos *Principes* há uma coexistência dos dois critérios. Na verdade, como refere Joly (1980: 19), “On ne passe pas subitement d’une définition formelle à une définition sémantique. Avant Dumarsais, les deux coexistent, en particulier chez deux grammairiens importants de la première moitié du xvme siècle, Buffier et Restaut”.

No que respeita à divisão do artigo, também aqui não se encontra um consenso, estendendo-se as propostas de um a quatro tipos. Entre os gramáticos aqui analisados como fonte para Durand, há aqueles que

10. É esta a definição apresentada uns anos antes por Lima, que parece ter seguido de perto o francês La Touche: “[...] aquella parte da Oraçaõ, que serve na declinaçaõ dos nomes para mostrar a differença dos Generos, dos Casos, e dos Numeros” (Lima 1756 I: 72).

consideram apenas um artigo, como por exemplo Régnier-Desmarais e Wailly<sup>11</sup>, e aqueles que consideram dois artigos, de que é exemplo La Touche. Durand parece ter seguido de perto este último gramático, entendendo que “não se distinguem senão dois Artigos na Língua Franceza: Artigo definido, ou determinado, e Artigo indefinito ou indeterminado: mas como esta regra tem varias excepções, dividiremos os ditos Artigos em cinco, formando deles cinco declinações” (Durand 1836: 47). Esta divisão em cinco declinações encontra-se também em La Touche e é seguida igualmente por Caetano de Lima, que reproduz com muita proximidade as palavras da sua fonte<sup>12</sup>. A questão causava alguma controvérsia entre os gramáticos franceses, não havendo consenso quanto ao número de declinações a considerar. La Touche dá-nos conta precisamente desta discrepância entre os gramáticos, apontando o caso de Régnier-Desmarais, que admite apenas uma declinação e critica uma multiplicação desnecessária de declinações<sup>13</sup>. Por outro lado, encontramos ainda outra proposta em Restaut, que defende a existência de quatro declinações. Cotejemos as propostas de La Touche e Durand na tabela que se segue:

**Tabela 1** – As cinco declinações do artigo em La Touche (1710 I) e Durand (1836)

	La Touche (1710 I)	Durand (1836)
1ª declinação:	“ <i>Cette Déclinaison se fait par l’Article Défini Le, La, L</i> ” (69).	“Esta Declinação forma-se pelo Artigo determinado, ou definido, <i>le, la, l</i> ” (47).

11. Ainda que Durand não tenha assumido explicitamente no prólogo o nome de Wailly entre as fontes mencionadas, é crível que este autor tenha sido consultado pelo nosso gramático pela proximidade que apresenta relativamente a algumas definições e ainda pela menção explícita ao seu nome entre os exemplos apresentados para ilustrar as regras. Neste sentido, julgamos pertinente, sempre que assim se justificar, cotejar as ideias dos dois autores.

12. Para mais informações acerca das semelhanças entre as propostas de La Touche e de Caetano de Lima, veja-se Moura (2016).

13. “Mais comme Mr. Regnier & quelques autres Grammairiens prétendent que nous n’avons qu’une seule Déclinaison, & que d’en faire cinq c’est multiplier les êtres sans necessite, je vais prouver en deux mots qu’ils se trompent, faute d’avoir examiné la chose avec assez d’attention” (La Touche 1710 I: 68).

2ª declinação:	“ <i>Cette Déclinaison se fait par l’Article Indéfini Partitif, Du, De la, De l’</i> ” (72).	“Esta declinação forma-se pelo Artigo indefinito, ou partitivo, <i>du, de la, de l’</i> ” (49).
3ª declinação:	“ <i>Cette Déclinaison se fait par l’Article partitif adjectif De, ou D’ qui sert pour un adjectif masculin &amp; féminin, pour le singulier &amp; pour le pluriel</i> ” (74).	“Esta Declinação fôrma-se pelo Artigo indefinito* <i>de, e d’</i> , que serve para o masculino, e feminino, para o singular, e plural; observando que o nome substantivo ha de ser precedido de hum nome adjectivo.” (51).
4ª declinação:	“ <i>Cette Déclinaison se fait par l’Article indéfini numeral, un, une.</i> ” (75).	“Conhece-se esta, em que leva os numeraes <i>un, une</i> no singular.” (52).
5ª declinação:	“ <i>Cette Déclinaison n’a point d’article au nominatif, &amp; les particules De &amp; A, qui servent pour le génitif &amp; pour le datif sont moins des articles que des notes de ces cas là.</i> ” (76)**.	“Esta serve para os nomes próprios, e appellativos; declina-se do mesmo modo, que em Portuguez com o Artigo indefinito <i>de, e a.</i> ” (52).

\* Apesar de, neste momento, o autor apenas designar este artigo de *indefinito*, um pouco mais à frente, designa-o também de partitivo (Durand 1836: 51), à semelhança do que faz La Touche.

\*\* Durand não faz referência à ausência do artigo no nominativo, no entanto, na exemplificação que apresenta, fica claro que, também para si, este caso não era precedido de artigo, como adverte La Touche. Por outro lado, a forma *de* serve, tal como enunciado por La Touche, para introduzir o genitivo e a forma *a* para o dativo.

Destas propostas, destaca-se o facto de estes autores se enquadrarem num grupo minoritário “[...] qui, à la suite de Port-Royal, oppose «article défini» (*le, la, les*) à l’«article indéfini» (*un, une*), avec son pluriel *des* «pris d’un autre mot»” (Joly 1980: 22), tendo sido longo o percurso até que *un, une* fosse oficialmente reconhecido como artigo. Por outro lado, verificamos que, na linha de uma abordagem formal, ambos os gramáticos colocam na quinta declinação *a* e *de*, que viriam a ser definitivamente identificados como preposições pelos gramáticos filósofos.

A segunda parte da oração a ser tratada por Durand é o nome, que o gramático define tendo por base um critério morfológico e sintático-colocacional: “O nome he huma parte da Oração susceptível de genero, e número, variado em diferentes casos por via de Artigo, ou Particulas, que se lhe antepõem” (Durand 1836: 54).

Na senda da tradição, Clamopin Durand apresenta uma definição que tem em conta a flexão em género, número e caso, aproximando-se da proposta de Régnier-Desmarais (1707: 170): “Le nom est une partie d’Oraison, qui a genre & nombre, qui d’elle mesma ne marque aucun temps, & qui se varie en divers cas, par le moyen de l’Article, ou des particules qui se joignent à l’Article”.

Em relação à divisão do nome em subcategorias, Durand distingue o nome substantivo e o nome adjetivo, na linha dos autores de que se confessa devedor, não considerando o contributo dado por Gabriel Girard (1677–1748), em 1747, que entende, pela primeira vez, o substantivo e o adjetivo como categorias distintas<sup>14</sup>, consagrando a cada uma destas partes da oração um capítulo em separado. É natural que Durand não tenha seguido os princípios propostos por Girard, uma vez que, como constatou Auroux (1998), esta obra “[...] n’eut guère de succès et fut très critiqué à cause de son style obscur [...]”<sup>15</sup>. A definição proposta por Durand para estas duas subcategorias evidencia um reflexo do texto de Wailly.

O Nome, que exprime as pessoas, e as cousas, chama-se Substantivo; e o nome, que não exprime senão a qualidade das pessoas, e das cousas, chama-se Adjectivo. [...]

Estas palavras; *Homme*, *Fleur*, e *Amour*, são nomes substantivos; *Poli*, *Agréable*, *Violent* são adjectivos (Durand 1836: 54).

Le Substantif exprime le nom des personnes & des choses: l’Adjectif exprime la qualité des personnes & des choses. Dans *un homme poli*, *une fleur agréable*: *homme* & *fleur* sont des Substantifs; *poli* & *agréable* sont des Adjectifs (Wailly 1770: 46).

Para além de ambos considerarem que é característica do nome substantivo exprimir pessoas e coisas e do nome adjetivo exprimir a qualidade das pessoas e coisas, recorrendo a um critério semântico,

14. Ceux qu’on emploie à marquer les qualités se nomment ADJECTIFS; parcequ’ils sont ajoutés & unis aux Substantifs pour qualifier les choses que ceuxci dénomment. De sorte que c’est dans un servisse de Qualification que consiste leur essence distinctive. Ils forment la quatrième espece: tels sont *beau*, *noir*, *doux*, *sage*, *mon*, *vôtre*, *premier* (Girard 1747: 48).

15. No entanto, sabemos que a obra de Girard não era desconhecida do nosso autor, uma vez que recorre a ela para apresentar exemplos ilustrativos das matérias.

verificamos também que Durand acaba por aproveitar os exemplos de que Wailly se socorre na sua gramática.

Seguidamente, Clamopin Durand dá-nos conta dos acidentes dos nomes, não sendo muito claro na enumeração que apresenta, dado que diz existirem nomes apelativos, coletivos, próprios e numerais, terminando esta listagem com um *etc.*, dando a ideia de que haverá ainda mais subclasses. No entanto, uma análise a este capítulo permite-nos perceber que não é tratada qualquer outra subcategoria, o que poderia suscitar dúvida e confusão entre os aprendizes desta língua estrangeira.

No que respeita às definições apresentadas para as subclasses do nome, desta feita Durand terá tido como fonte Restaut, como se pode ver pelas definições dadas, por exemplo, para os nomes próprios e coletivos:

**Tabela 2** – Definição de nomes próprios e coletivos em Restaut (1732) e Durand (1836)

Restaut (1732)	Durand (1836)
“R. Ce sont ceux qui expriment des idées singulieres, c’est-à-dire, des idées qui ne nous représentent qu’une chose unique [...]” (34).	“Os nomes Proprios são aquelles, que exprimem idéas singulares; isto he, idéas que nos representam huma cousa única” (54).
“R. Ce sont ceux qui, quoique au singulier, portent nécessairement à l’esprit l’idée de plusieurs choses [...]” (34).	“Os Nomes Collectivos são aquelles, que ainda que estejam no singular, nos representam a idéa de muitas cousas” (54).

Para além destes aspetos, o gramático trata ainda a flexão dos nomes em género, número e grau, ficando evidente a sua preocupação em sistematizar e ilustrar as regras e exceções apresentadas.

Relativamente ao pronome, a definição apresentada por Clamopin Durand, que tem por base um critério funcional, remete-nos para a de Restaut<sup>16</sup>, pois ambas reproduzem a significação latina da palavra pronome, ou seja, é uma palavra que se coloca em vez do nome “O Pronôme he huma parte da oração, que se põe em lugar do Nome” (Durand 1836: 76). No que respeita às subclasses do pronome, o nosso gramático admite seis espécies, a saber *Pessoaes*, *Possessivos*, *Relati-*

16. “C’est un mot qui tient ordinairement la place du nom” (Restaut 1732: 71).

*vos, Demonstrativos, Absolutos e Indefinitos*<sup>17</sup>, proposta que também se aproxima da do gramático francês, que difere apenas por este último incluir mais um tipo de pronomes, os *conjonctifs* (Restaut 1732: 72).

As semelhanças entre estas propostas apresentadas por estes dois gramáticos não se cingem apenas ao número de pronomes contemplados, mas também à ordem por que são tratados e às definições apresentadas para cada uma das subclasses. No que concerne às diferenças, relativamente à subclasse dos conjuntivos considerada por Restaut (1732: 80-81)<sup>18</sup>, que ele define como “[...] des pronoms qui se mettent ordinairement pour le cas des pronoms personnels”, verificamos que estes não são mais do que pronomes pessoais, usados num contexto específico, juntamente com alguns verbos. Neste sentido, percebe-se que Durand não os tenha considerado numa subclasse à parte, incluindo-os dentro dos pronomes pessoais. Outro aspeto que convém destacar prende-se com a subdivisão dos possessivos. Se Restaut propõe uma divisão dos mesmos em absolutos e relativos, Durand considera apenas os possessivos em geral e os possessivos relativos, sendo que os primeiros, na verdade, correspondem aos absolutos enunciados por Restaut.

A análise do verbo, no capítulo VIII, ocupa a parte mais extensa do estudo dedicado às partes da oração (da página 101 à 191), no entanto, à semelhança do que vem sendo a prática deste gramático, estas páginas não se dedicam a grandes teorizações, mas antes a apresentar paradigmas de conjugação verbal e sobretudo conjugação de verbos irregulares, o que seria importante para o público-alvo em questão, um aprendente de língua estrangeira, que, conhecidas as regularidades, precisa também de saber as irregularidades para poder comunicar com correção.

No que respeita à definição apresentada para esta classe de palavras, o autor considera que o verbo é:

17. Se atentarmos na classificação de Régnier-Desmarais, constata-se que o nosso gramático acrescenta a subclasse dos absolutos. Já relativamente a Lima, há uma maior diferença, uma vez que este considera oito subclasses, ou seja, pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos, interrogativos, numerais e quantitativos.

18. Os pronomes conjuntivos são os seguintes: *me, nous, te, vous, lui, le, la, les, leur, se* (Restaut 1732: 81).

[...] huma palavra, que fôrma a união de todas as nossas idéas, de sorte que não se pôde fallar cousa alguma sem o seu auxilio: he tambem huma parte da oração, que exprime a acção do sujeito, ou produzida por elle, ou recebida n'elle: Eu estimo, *J'estime*: Eu sou estimado, *Je suis estimé*: Eu amo, *J'aime*: Eu sou amado, *Je suis aimé* (Durand 1836: 101).

Nesta definição, ressaltam dois aspetos: em primeiro lugar, a conceção do verbo como uma palavra que serve para ligar as ideias e, em segundo lugar, o verbo como a expressão de uma ação realizada ou sofrida. A primeira parte da definição destaca-se por se fundar nos princípios racionalistas, sendo aqui evidente a influência da obra de Pierre Restaut, que considera o verbo<sup>19</sup> como “[...] le mot par excellence, en ce qu’il forme la liaison de toutes nos idées, & qu’il n’est pas possible de faire aucun discours suivi, sans le secours des verbes” (Restaut 1732: 165).

Quanto às espécies de verbos, também aqui fica evidente a aproximação entre o gramaticógrafo franco-português e o seu modelo francês, pois ambos consideram existir dois tipos de verbos, o substantivo, o verbo *être*, cuja função é unir os termos da proposição, e o verbo adjetivo, no qual se incluem os restantes verbos.<sup>20</sup> Esta distinção tem as suas raízes na gramática tradicional latina, encontrando-se já em Prisciano o termo *verbum substantivum*, tendo sido amplamente difundida pelos gramáticos de Port-Royal. Em Portugal, esta divisão em verbos substantivos e adjetivos já está presente desde o início da gramaticografia vernácula, encontrando-se na divisão da classe dos verbos avançada por João de Barros<sup>21</sup>.

19. Na senda de Port-Royal, Restaut considera que a principal característica do verbo é exprimir afirmação (Restaut 1732: 164).

20. “O substantivo he o verbo Ser, ou Estar *Être*, que tambem he auxiliar. O adjectivo divide-se em *Activo, Passivo, Neutro, Reciproco, e Impessoal*” (Durand 1836: 101). Restaut considera igualmente que “[...] il y a deux especes générales de verbes; savoir, le verbe *être* qui ne marque que l’affirmation sans attribut, & que l’on appelle *verbe substantif*; les verbes qui renferment l’attribut avec l’affirmation, & que l’on appelle *verbes adjectifs*” (Restaut 1732: 169). No que respeita às subclasses do verbo adjetivo, as categorias apresentadas são as mesmas que encontramos em Durand: *actif, neutre, passif, réciproque, impersonnel* (Restaut 1732: 244).

21. “Os latinos partem os seus uęrbos, em sustantiuos e aietiuos. Dos primeiros temos este só uęrbo, sou, ao quål chamámos sustantiuo por que demóstra o ser pessoál da cousa, como quão digo, Eu sou criatura racional. Vęrbo aietiuo podemos chamar todolos outros” (Barros 1640: 18r).

## Considerações finais

Tendo em conta a divulgação e importância que a obra de Francisco Clamopin Durand teve na época através das suas onze edições e o esquecimento de que tem sido alvo por parte da investigação moderna, decidimos levar a cabo um estudo que permitisse contribuir para um maior conhecimento e divulgação desta gramática, particularmente dando destaque às influências exercidas sobretudo pelos gramáticos franceses da primeira metade do século XVIII.

Como ficou claro através dos cotejos que fomos estabelecendo, o autor procurou socorrer-se, como o próprio faz questão de referenciar no prólogo, das maiores autoridades da época em linguística francesa. Os escritos destes autores serviram como fonte e ponto de partida, no entanto a abordagem que Francisco Clamopin Durand adota na sua gramática é diferente. Atendendo ao facto de que se trata de um manual didático para a aprendizagem de uma língua estrangeira em Portugal, é natural que o autor não entre em grandes teorizações nem em especulações filosóficas sobre a língua. Por isso, o gramático tende a apresentar definições breves e simples, apostando preferencialmente na ilustração das regras através de exemplos, criados por si ou retirados dos autores mais prestigiados na época.

De entre os autores a que Durand recorre, embora possamos encontrar reflexos das teorias linguísticas de La Touche, Wailly, Régnier-Desmarais, destaca-se a influência exercida pela obra de Restaut, facto que não surpreende, dada a ampla difusão que a obra teve na época, tendo sido usada como manual escolar até finais do século XVIII. É precisamente nesta linha de obra de pendor didático que está o mérito do *Mestre Francez*, que foi escolhido como manual para a aprendizagem desta língua em Portugal durante quase um século.

Recebido em: 24/03/2017  
Aprovado em: 17/02/2018  
Emails: ccoelho@utad.pt  
sfontes@utad.pt  
tmoura@utad.pt



## Referências

- AUROUX, Sylvain. 1998. 1747 – Girard, Abée Gabriel: *Les vrais principes de la Langue Françoise. Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux: Notices*, [http://ctlf.ens-lyon.fr/n\\_fiche.asp?num=2407](http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=2407).
- AUROUX, Sylvain. 2006. Les modes d’historicisation Histoire et langage. *Histoire Épistémologie Langage: Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection*, vol. 28, 1: 105-116.
- BABO, Ausenda. 2014. O ensino das línguas estrangeiras em Portugal, do século XVIII ao início do século XX, através da análise de anúncios publicitários em jornais da época. In: DUARTE, Sónia; OUTEIRINHO, Fátima & PONCE DE LEÓN, Rogélio. (org.). *Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto. p. 21-38.
- BARROS, João de. 1540. *Grammatica da lingua Portuguesa*. Olyssippone: Apud Lodouicum Rotorigiũ Typographum.
- CHEVALIER, Jean-Claude. 1996. *Histoire de la grammaire française*. Paris: Presses Universitaires de France.
- DURAND, Francisco Clamopin. 1767. *O mestre francez ou novo methodo Para aprender a Lingua Franceza por meio da Portugueza*. Porto: Oficina de Francisco Mendes Lima.
- \_\_\_\_\_. 1836. *Mestre francez, ou novo methodo para aprender a lingua franceza por meio da portugueza. Decima Edição emendada de muitos erros, e accrescentada com a Formação das Conjugações dos Verbos Regulares, e da Verdadeira Orthografia Franceza*. Paris, Delaunay/ Rio de Janeiro: Seignot-Plancher et C<sup>ia</sup>.
- FOURNIER, Jean-Marie. 1998. À propôs des grammaires françaises des XVIIe et XVIIIe siècles: le traitement des exemples et des parties du discours. *Histoire Épistémologie Langage*, vol. 20, 2: 127-142.
- GIRARD, Gabriel. 1747. *Les vrais principes de la Langue Françoise*. Paris: Le Breton.
- JOLY, Andre. 1980. Le problème de l’article et sa solution dans les grammaires de l’époque classique. *Langue française (Histoire de la linguistique française)*, 48: 16-27.
- KEMMLER, Rolf. 2007. *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes – Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*. Frankfurt: Domus Editoria Europaea.
- LA TOUCHE, Pierre de. 1710. *L’Art de bien parler françois*. Amsterdam: Chez R. & G. Wetstein.

- \_\_\_\_\_. 1737. *L'Art de bien parler françois*. Amsterdam: Chez J. Wetstein, & G. Smith.
- LIMA, Luis Caetano de. 1756. *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meyo da Lingua Portugueza*. Lisboa: Na Officina de Joseph da Costa Coimbra.
- LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha. 1994. *O Livro e a leitura no Porto no século XVIII*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão/Fundação de Engenheiro António de Almeida.
- MEIRELES, Maria Adelaide. 1995. *Os Livreiros no Porto no século XVIII. Produção e Comércio*. Porto: Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas.
- MOURA, Teresa. 2016. A *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio do portuguez, regulada pelas notas e refflexoens da Academia de França*: a primeira gramática setecentista da língua francesa em português. In: FRYBA, Anne-Marguerite; ANTONELLI, Roberto & COLOMBAT, Bernard (eds.). *Actes du XXVII<sup>e</sup> Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Nancy, 15-20 juillet 2013). Section 15: Histoire de la linguistique et de la philologie*. Nancy: ATILF: 105-119.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira. 1980. *O Porto e as Origens do Liberalismo. Subsídios e Observações*. Porto: Câmara Municipal.
- RÉGNIER-DESMARAIS, François Séraphin. 1707. *Traité de la grammaire françoise*. Amsterdam: chez Henri Desbordes, Marchand Libraire, dans le Kalverstraat.
- RESTAUT, Pierre. 1732. *Principes généraux et raisonnés de la grammaire françoise. Nouvelle édition corrigée et augmentée*. Paris: Le Gras, Lottin, J. Desaint, Chaubert.
- \_\_\_\_\_. 1764. *Abrégé des principes de la grammaire françoise. 5e éd.* Paris: Lottin, J. H. B. Imprimeur & Libraires.
- SALEMA, Maria José. 2000. La Grammaire de Jean de la Coste et l'apprentissage du français au Portugal au XVIIe siècle. In: Jan De Clercq, Nico Lioce & Pierre Swiggers (eds.). *Grammaire et enseignement du français, 1500-1700*. Leuven: Peeters: 555-562.
- \_\_\_\_\_. 2013. La genèse de la didactique scolaire du français au Portugal. *Synergies Portugal*, 1: 27-37.
- \_\_\_\_\_. 1993. *A didáctica das línguas vivas e o ensino do francês nos liceus portugueses na viragem do século: o período de 1894 a 1910*. Braga: Universidade do Minho.
- \_\_\_\_\_. 1996. L'enseignement du français au Portugal au XVIIIème siècle. *Actes du Colloque de la SIHFLES, Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde*, 18: 85-93.

- SCHÄEFER-PRIESS, Barbara. 2005. Preliminares à história do ensino do francês em Portugal no séc. XVIII. O ensino do francês em Portugal no séc. XVIII. In: TEIXEIRA, Luís Filipe; SALEMA, Maria José & SANTOS, Ana Clara (eds.). *O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do Século XVIII ao final da Primeira República*, Coimbra: A.P.H.E.L.L.E.: 105-117.
- SWIGGERS, Pierre. 2006. El foco «belga»: las gramáticas españolas de Lovaina (1555, 1559). In: ASENSIO, José J. Gómez (dir.). *El Castellano y su codificación gramatical. De 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Stanford)*, Vol. I. Burgos: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua: 161-213.
- SILVA, Francisco Inocêncio da. 1860. *Diccionario bibliographico portuguez, Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- WAILLY, Noël François de. 1770. *Principes Généraux et Particuliers de la Langue Française. 6e éd. revue et considérablement augmentée*. Paris: chez Barbou.